

PATRIARCA E CORONEL NACIM BACILA

Aluno: Fábio Bacila Sahd
Orientadora: Maria Luiza Andrezza

Palavras-chave: imigração árabe, patriarcalismo, família.

Esta monografia, estruturalmente, está dividida em três capítulos. O primeiro é basicamente um levantamento bibliográfico que discute a estrutura familiar árabe. O segundo capítulo está dividido em duas partes, a primeira, através da bibliografia trabalha com a imigração árabe de forma geral e a segunda parte, a partir das fontes trabalha com a história de Nacim Bacila, o pioneiro da família Bacila no Brasil e responsável pela imigração dos demais. O terceiro capítulo é uma discussão, também a partir das fontes, sobre os mecanismos que Nacim Bacila se valeu para traduzir sua herança cultural no Brasil, criando em Palmeira, Paraná, um espaço onde pode reconstruir seu modelo familiar, no interior do qual ele se tornou o patriarca.

As fontes utilizadas no desenvolvimento da monografia são: um livro de memórias, ao longo do texto chamado de “Memórias de Elias”, que o autor Elias Farajala Bacila escreveu para sua filha Lindamir Farajala Bacila em língua portuguesa, na década de 1960. Elias, natural de Nazareth, era primo paterno de Nacim Bacila e foi convidado por esta a emigrar para o Brasil em 1921, posteriormente se casou com a filha de Nacim, Zulmira, tornando-se também seu genro. Um livro que compila diferentes narrativas de pessoas da família ou vinculadas a esta de alguma forma, escrito em 1977 na ocasião de uma festa de família. Ao longo do texto é chamado de “Livro da família Bacila”. O processo de espólio de Nacim, 1948. Ainda, serviram como fonte, duas entrevistas orais, sendo a primeira com Jorge Sahd Jr, 89 anos, que conheceu Nacim em vida e a segunda com Lindamir Farajala Bacila, neta de Nacim, 71 anos, ambas realizadas no ano de 2007.

As principais referências bibliográficas utilizadas são Claude Fahd Hajjar, Oswaldo Truzzi, Heliane Prudente Nunes, Albert Hourani, Bernard Lewis, Jack Goody e Philippe Fargues.

1. Estrutura familiar árabe.

Sabemos que a herança ibérica constitui boa parte de nossa formação cultural, inclusive a parte relacionada à estruturação da família. De uma forma geral também sabemos que a estrutura da família ocidental sofreu várias alterações ao longo do tempo. Do outro lado do Mediterrâneo, sob a mesma herança cultural greco-romana, os árabes constituíram suas experiências familiares, em muitos pontos semelhante à estrutura familiar ocidental. Pensarmos em um modelo homogêneo de estrutura familiar árabe, contudo, seria insensato, na medida em que sob esta designação estão incluídas diversas experiências sociais. Assim, em termos analíticos, utilizar o conceito ‘estrutura familiar árabe’ exige certas restrições e reflexões prévias, na medida em que pode ser utilizado tanto para se referir a uma família muçulmana do Irã como a uma família cristã ortodoxa do Líbano. Salvo os devidos cuidados, contrapor um modelo familiar “árabe oriental” a um modelo “europeu ocidental”, apesar de ser um trabalho muito geral, nos traz alguns traços gerais importantes.

Para tratar da formação familiar árabe é necessário primeiramente definir melhor seu significado neste texto. A família árabe, objeto de estudo desta monografia, é a família cristã de língua árabe, habitante da região da Crescente Fértil, mais especificamente Síria,

Líbano, Palestina e Egito. As diferenças e semelhanças entre a família árabe cristã e a família árabe muçulmana são muito bem trabalhadas por Philippe Fargues¹ e Arthur Jeffery². Philippe Fargues trabalha com ambas simultaneamente, pontuando uma ou outra somente quando apresentam diferenças. Apesar de Arthur Jeffery ter como foco principal a família árabe no Islã, o autor contempla em vários momentos a família árabe cristã, seja para apresentar as semelhanças seja as diferenças.

Jack Goody³, no começo de seu livro *“Família e casamento na Europa”*, escreve sobre as possibilidades de se relacionar os modelos familiares das sociedades de ambas as margens do mediterrâneo, no caso a árabe e a européia. Segundo Goody há duas formas de abordagem, uma que procure as semelhanças e outra que busque as diferenças. Quem busca as semelhanças, parcialmente inspirados em Fernand Braudel, pensa na função comum do dote, pensa em elementos comuns na forma de descendência e pensa nos conceitos de honra e vergonha, comum a totalidade do mediterrâneo. Quem procura as diferenças aponta para o papel desempenhado pelos grupos de descendência, o matrimônio com parentes próximos e a questão da poliginia. Solinas, um autor que trabalha a semelhança dos modelos, é citado por Goody: *“Existe entre muitos povos do mediterrânicos uma notável continuidade no que se refere ao modo de vida e a concepção desta nos seus aspectos morais, sociais, econômicos e biológicos; o amor sexual, o ciúme, o respeito pelos mais velhos, o amor filial e os sentimentos em relação a morte e ao além encerram uma mesma idéia de família”*⁴. Goody vê nestas semelhanças características comuns a quase todas sociedades humanas e aponta para a diferença na estrutura familiar entre árabes e europeus datar de pelo menos o fim do Império Romano.

Outro autor apontado por Goody que trabalha estes modelos é Pierre Guichard. Seu estudo está fundado na Espanha medieval e trata das diferenças entre a estrutura familiar das partes muçulmanas e cristãs. Segundo Guichard, o sistema de descendência (filiação) oriental é patrilinear, só contando o parentesco por linha paterna, enquanto o modelo ocidental é claramente bilinear, onde a família materna tem grande importância. O casamento ou o par conjugal para os árabes apresenta pouca coesão devido à patrilinearidade (agnatismo), à poliginia e à facilidade do divórcio, enquanto para os ocidentais o par conjugal é a célula básica da organização social devido à bilinearidade (cognatismo) e à tradição monogâmica. O grupo de parentesco oriental deriva do sistema tribal fragmentado, tendo como base a linhagem agnaticia e a clara definição no tempo e no espaço em relação a um antepassado. O grupo é unido por solidariedade e exerce grande influência em todos os níveis sociais. O grupo de parentesco ocidental caracteriza-se por: só entre a aristocracia encontramos a parentela ascendente (bilateral) e por ser um grupo que só existe enquanto tal se relacionado a cada indivíduo, carecendo de continuidade no tempo e coerção no espaço. As alianças matrimoniais entre os árabes apresentam forte tendência endogâmica, sendo o matrimônio preferido ego com a filha do irmão do pai, para os árabes é desonroso entregar uma mulher a outra linhagem, quem recebe é superior a quem doa. A tendência das alianças matrimoniais ocidentais é exogâmica e quando ocorre a endogamia é mais por razões econômicas do que sociais. Ao contrário dos árabes, as alianças matrimoniais são valorizadas, as mulheres circulam transferindo bens e honra, quem entrega uma mulher como esposa tende a ser superior a quem a recebe. Quanto a posição das mulheres, entre os árabes a separação dos sexos é claramente definida e as

¹ Fargues, Philippe. “El mundo árabe: la ciudadela doméstica”, IN “Historia de la familia 2”, Alianza Editorial, Madrid, 1988.

² Jeffery, Arthur “A família no Islão” IN “A família: sua função e destino”, coordenado por Ruth Nanda Anshen, editora Meridiano, Lisboa, 1970.

³ Goody, Jack. “Família e casamento na Europa”, editora Celta, Oeiras, 1995.

⁴ Ibidem 1, p. 6.

mulheres são excluídas da vida pública, sendo seres domésticos por excelência, para os ocidentais não existe uma separação rígida entre os sexos. A honra para os árabes esta baseada mais no que se é do que no que se possui, sendo a honra masculina ativa e a feminina passiva. Para os ocidentais a honra se vincula a posse de um título, categoria ou riqueza, circulando e sendo transmitida pelo círculo social.

Claude Lévi-Strauss⁵ trabalha com 2 modelos; estruturas elementares do parentesco e estruturas complexas. A contemporaneidade pode ser pensada através das estruturas complexas onde a transferência de riqueza e a escolha do cônjuge não são determinadas por fatores dados, garantindo uma livre escolha, sendo o incesto um fator que impede a existência de uma estrutura complexa que garante liberdade total na determinação dos cônjuges. As estruturas elementares do parentesco se relacionam as sociedades onde há sistemas bem definidos que prescrevem quase automaticamente o cônjuge, garantindo sempre um certo espaço de maleabilidade que impede uma total determinação, dado que há vários cônjuges possíveis. Lévi-Strauss caracteriza a experiência familiar ocidental, no que se refere a matrimônios, como estando fundada em relações de aliança, casamentos exogâmicos que fortalecem as relações externas ao núcleo familiar.

Seguindo a linha de Lévi-Strauss, uma primeira observação da estrutura familiar árabe, nos revela uma rede de casamentos endogâmicos voltados ao fortalecimento do próprio grupo de parentesco. Geralmente a preferência matrimonial é para a filha do casal se casar com o primeiro filho do tio paterno. Na ausência deste ou dentro de suas possibilidades de escolha, o casamento se efetiva com outros primos ou parentes distantes, sempre tentando manter uma certa endogamia.

Claude Fahd Hajjar⁶ aponta para a existência de 3 tipos de grupos familiares patriarcais árabes. O primeiro grupo é a família conjugal mais os filhos, no caso o modelo de família nuclear. O segundo grupo seria a família grande, a mais importante unidade familiar, consistindo em 3 gerações. O chefe da família é o avô, patriarca e cabeça do grupo, que em sua casa abriga a esposa, os filhos casados e os filhos e filhas solteiros, pois o casamento é virilocal. Tanto as mulheres como os filhos devem obedecer ao marido e ao pai, assim como os chefes masculinos das famílias conjugais devem obedecer ao chefe da família grande:

A família grande controla o comportamento e o matrimônio de seus membros. Moços e moças precisam obter o consentimento dos membros da família antes de casar e, frequentemente, os pais escolhem as esposas e os maridos para os filhos sem consulta-los. Se um rapaz ou moça vier a transgredir essa lei, fugir ou se recusar a aceitar a escolha da família, pode ser expulso e, em alguns casos, até morto. Os cônjuges são, geralmente, procurados dentro do mesmo grupo de parentela, em outra família grande. A família grande persiste enquanto viver o chefe, depois os filhos casados, do patriarca falecido, separam-se para formar suas próprias famílias grandes. Os solteiros vão viver com os irmãos casados⁷

O terceiro grupo apontado pela autora é o grupo da parentela, que abrange todas as famílias que se dizem descendentes de um antepassado paterno comum. Geralmente o grupo de parentela reside em um mesmo “bairro” da aldeia, seu tamanho varia conforme o numero das famílias, o fator da imigração ou de desavenças sérias. Alguns grupos de parentela trabalham e cooperam intimamente, porém todos tem responsabilidades financeiras pessoal pelos seus, e nunca deixam de sustenta-los, quer financeira, política ou socialmente. O casamento entre membros de famílias grandes da mesma parentela é um

⁵ Lévi-Strauss, Claude. “As estruturas elementares do parentesco”. Editora Vozes, Petrópolis, 1982.

⁶ Hajjar, Claude F. “Imigração Árabe: cem anos de reflexão”. São Paulo: Ícone Editora, 1985.

⁷ Ibidem 7. pp. 42/43.

mecanismo para estreitar os laços desta. Os três modelos familiares propostos por Hajjar se complementam formando uma grande estrutura, na qual cada representa um enfoque.

2. Imigração Árabe.

Sabemos que tanto o Brasil quanto o Paraná receberam grandes contingentes populacionais de emigrados entre o século XIX e XX. Entre as inúmeras etnias emigradas para estes territórios figuram também os povos chamados de árabes que, segundo Claude Hajjar e inúmeros outros autores, totalizaram algo em torno de 110.000 pessoas. Esta corrente imigratória ganhou importância a partir da segunda metade do século XIX, sendo constituída inicialmente por cristãos oriundos do Oriente Médio (principalmente Síria e Líbano). Dentre os principais motivos desta imigração se destacam a dominação turca, as mudanças sociais, econômicas e políticas sofridas na terra de origem e a ambição por um futuro melhor.

A emigração árabe do século XIX é consensualmente apontada pelos autores como um movimento que tem seu início a partir de 1860, variando esta data inicial somente para datas posteriores. Esta corrente imigratória foi composta inicialmente por árabes cristãos que emigram para África (parte européia), América (respectivamente, por ordem de importância numérica, aos Estados Unidos, Brasil, Argentina e Canadá), Europa, Austrália, Ásia Ocidental e para algumas ilhas do Pacífico. Espaço comum na historiografia é apontar o início da imigração árabe para o Brasil a partir da década de 1870, variando tal data conforme o autor. Entre os autores que trabalham o tema, alguns apontam que os primeiros árabes que chegaram ao Brasil vieram já com a caravela de Pedro Álvares Cabral, na condição de “cristãos do Oriente”. Independente disto, o que nos interessa aqui é traçar a condição dos imigrantes árabes a partir da 2ª metade do século XIX. Para tanto, nos valem da periodização de Claude Fahd Hajjar, que divide a imigração árabe em duas etapas principais divididas internamente em levas que consideram os diferentes contextos na terra de origem. A primeira etapa inicia-se em 1860/70 e vai até 1938, a segunda tem início em 1945 e se estende até hoje. A primeira etapa é caracterizada pela presença e pressão exercida pelo domínio otomano, por um número muito maior de cristãos (principalmente do Líbano) entre os emigrantes, pela não existência de um estado para proteger e orientar os imigrantes (caráter espontâneo e livre), pela denominação de turcos quando chegavam ao local escolhido. A primeira etapa é dividida em 3 levas; a 1ª, que abrange de 1860 a 1900, a 2ª de 1900 a 1914 e a 3ª de 1918 a 1938. A segunda etapa é recortada pela 4ª (1945/1955), 5ª (1956/1970) e 6ª leva (1971 a 1984)⁸.

Oswaldo Truzzi aponta características importantes neste processo imigratório árabe: A maioria dos árabes pioneiros eram homens, jovens e solteiros que posteriormente voltam para terra natal para casar e trazer a mulher. Apesar de espontânea, ausência de incentivo governamental (tanto por parte do Brasil quanto por parte do país de origem), as gerações que precederam os pioneiros ao chegarem já tinham uma rede de apoio estabelecida; incluindo residência, ciclo social e emprego⁹. Não foi uma imigração de decisão pessoal e sim de decisões familiares que mandavam um dos seus. Parentesco, aldeia de origem e religião foram os principais fatores formadores da identidade destes imigrantes que os dividia em núcleos para onde iam os recém emigrados. Heliane Prudente Nunes aponta para a maioria dos primeiros imigrantes árabes no Brasil como sendo “*constituída de rapazes solteiros, de classes inferiores, originários de cidadezinhas rurais e vilas*”¹⁰,

⁸ Ibidem 17, pp. 85/87.

⁹ Truzzi, Oswaldo. “*Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*”. Hucitec, São Paulo, 1997..

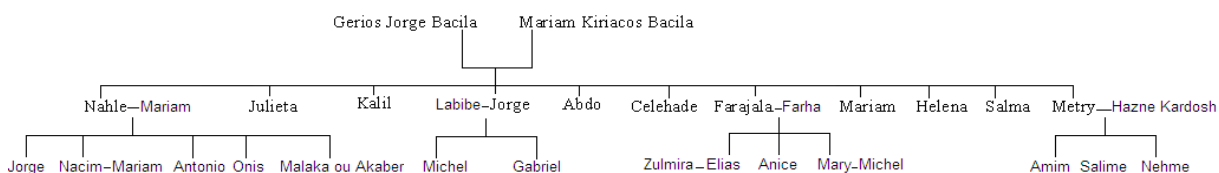
¹⁰ Prudente Nunes, Heliane. “A imigração árabe em Goiás”, editora UFG, Goiânia 2000.

sendo a maioria agricultores. Para o autor um retrato mais fiel seria compreender esta imigração como sendo formado por indivíduos comprometidos por laços familiares.¹¹

Maria Luiza Andreazza¹² traz uma discussão importantíssima sobre questões vinculadas ao processo migratório. Segunda ela, as emigrações, de forma geral, são motivadas pela construção de uma nova realidade, um impulso subjetivo da esfera da esperança, que alguns autores definem como “ilusão migratória” - crença em mecanismos compensatórios capazes de garantir melhores posições sociais. Sendo a mobilidade social um ingrediente ativo desta ilusão. Ao emigrar para outro país a pessoa se depara com uma nova realidade e tem que criar um diálogo entre seus valores e os valores locais para de alguma forma se adaptar a nova realidade. Este diálogo é resultado da necessidade de manifestar a cultura natal em um território alheio a ela que obriga o emigrado a ponderar a respeito do que pode e o que não pode ser manifestado, afinal ele espera se inserir em uma nova sociedade que provavelmente rejeita alguns de seus costumes antigos. A autora nos diz que o espaço ideal de manifestação dos hábitos natais é por excelência o âmbito familiar, objeto central de nossa análise.

Omar Nasser Filho, deduz como causa da emigração, partindo do fato das primeiras levadas migratórias serem compostas de cristãos, uma insatisfação com as restrições inerentes a condição de minoria num território multi-étnico e multi-religioso onde as diferenças confessionais eram manipuladas politicamente, resultando, eventualmente, em conflitos entre os diversos grupos religiosos. Outro motivo apontado pelo autor para justificar esta imigração ao “ocidente” era o fato de que se tratava de países de religião majoritariamente cristã onde os emigrantes cristãos encontrariam uma facilidade maior de adaptação¹³. A maior contribuição do autor para entendermos as causas da emigração vai no sentido dele apontar para o processo migratório como estando relacionado a dois espaços, o de origem e o de chegada, estando em ambos os elementos que promovem os fluxos migratórios. Entre os elementos da terra de origem que influenciaram na decisão migratória está a influência da revolução industrial e tecnológica, com a possibilidade de transportes mais velozes e que conectam regiões antes isoladas, o encefalamento urbano, que produz excedente de mão de obra desvalorizando o trabalho e a crise do império turco, além da condição de minoria étnica e religiosa.

3. A vinda e o estabelecimento de Nacim no Brasil e de como ele se tornou um patriarca.



Para entendermos como a família Bacila chegou em Palmeira, onde se estruturou tendo Nacim como patriarca, é necessário fazer uma digressão cronológica e apresentarmos a família Bacila em sua terra de origem. Entre as famílias árabes que partilharam do contexto da primeira leva de imigração, tanto a situação da terra de origem, trabalhada no

¹¹ *Ibidem* 2, pp. 34. (TRUZZI).

¹² Andreazza, Maria Luiza. “*Paraíso das delícias, estudo de um grupo imigrante ucraniano 1895-1995*”. Curitiba, UFPR, 1996.

¹³

primeiro capítulo, quanto o processo imigratório, estava à família Bacila. Apesar da palavra Crescente Fértil abranger uma área muito ampla, é difícil situarmos esta família em uma unidade geográfica menor pois seus membros já apresentavam no interior do mundo árabe uma dispersão territorial que reflete práticas imigrantistas. As informações mais recuadas no tempo a qual o *livro de memórias de Elias* nos remete são as pertinentes a seu avô Gerius Jorge Bacila, filho de gregos que cresceu e casou em Beirout com Mariam Kiriacos Bacila. São os filhos deste casal que nos revelam a dispersão geográfica da qual falamos anteriormente.

Conforme pudemos recuperar, a família Bacila se ocupava do comércio, sendo este um dos motivos de sua dispersão geográfica. Gerios tinha uma loja de casemiras em Beirout e importava suas mercadorias da Inglaterra. Além do comércio, tinha gado, plantação e depósitos de barro esmaltado, utilizado para estocar azeitonas e manteiga. A família Bacila tinha lojas na Turquia, Síria, Líbano, Palestina e Egito. Os filhos de Gerios e Mariam gerenciavam as filiais

Nacim Bacila, filho de Nahle e Mariam, nasceu no Egito, provavelmente em Porto Said, no ano de 1878. Mariam Bacila, sua mulher, teria sido raptada do Líbano por ele e trazida ao Brasil¹⁴. Através do livro da família Bacila, mais especificamente através do relato de Elias Farajala Bacila contido neste livro, sabemos que Nacim e Mariam chegaram ao Brasil na segunda metade da década de 1890, se estabelecendo em Mococa, São Paulo, onde nasceu Antonio, primeiro filho do casal. Há uma forte possibilidade de Nacim ter vindo ao Brasil acompanhado ou a convite de seu tio Jorge Bacila, pois este também teve uma passagem por Mococa no fim do século XIX. Se esta hipótese estiver certa, a vinda de Nacim ao Brasil estaria seguindo o comportamento típico do imigrante árabe, cuja característica é a “imigração por corrente”.

Provavelmente no momento da chegada de Nacim ao Brasil ele se dedicou a profissão comercial. Um indício que corrobora esta hipótese, é que, segundo ambas as fontes escritas, quando de sua mudança para o Paraná, Nacim teria comprado mercadorias em São Paulo e despachado para Paranaguá onde pensava em comerciar. Esta viagem ao Paraná ocorreu no final do século XIX, em data não posterior a 1895¹⁵. Segundo as “Memórias de Elias” e o “Livro da Família”, um árabe que já estava estabelecido em Paranaguá, aconselhou Nacim a ir a Palmeira negociar suas mercadorias, pois lá teria festa de São Sebastião que atraía muitos colonos. Nacim, de trem, chegou a Palmeira, onde, segundo Elias, vendeu rapidamente todas as suas mercadorias. Após alguns anos, percebendo as grandes oportunidades que o comércio de Palmeira oferecia, regressou ao Egito, deixando sua esposa cuidando do comércio, e trouxe sua mãe, irmã (Akaber) e cunhado (Jorge Choueiri). Jorge estabeleceu loja em Palmeira mas, não se adaptando, junto com a esposa e sogra, retornou ao Egito. Esta presença de Jorge e Akaber em Palmeira, ocorreu entre 1900 e no mínimo 1908.

Um elemento perceptível na trajetória econômica de Nacim é o fato dele ter, por um lado, percorrido os passos que a historiografia aponta para os imigrantes árabes, no caso iniciou sua vida no Brasil como mascate, após acumular algum capital, adquiriu um loja onde passou a vender a varejo e pouco após se tornou atacadista e por outro lado, não ter restringido suas atividades ao comércio de mercadorias, indo além do convencional para o imigrante árabe. As atividades financeiras de Nacim abarcaram importantes produtos que

¹⁴ Nem o livro de memórias de Elias nem o livro da família Bacila narram este acontecimento, no entanto, Lindamir Farajala Bacila e Jorge Sahd, através de entrevistas concedidas a mim, nos confirmam tal fato. Uma evidência que contribui para tal possibilidade é o fato de Nacim Bacila constar como solteiro no processo referente a seu inventário.

¹⁵ Esta informação foi retirada do espólio de Nacim Bacila, com base na data de aquisição de seu primeiro imóvel.

a economia paranaense exportava naquela época, como a Erva Mate e a Madeira. Sabemos também que Nacim trabalhou com a produção rural, mais especificamente pecuária e azeitonas, além de ter se tornado um grande proprietário rural. A especulação imobiliária e uma casa de cinema, a primeira de Palmeira, foram outras atividades econômicas de Nacim.

Ao fim de sua vida Nacim possuía trinta e dois imóveis rurais e vinte e três imóveis urbanos. Seus imóveis rurais estavam distribuídos entre Palmeira, Guarapuava, Ponta Grossa e Campo Largo, perfazendo uma área de aproximadamente 2.326 alqueires mais 280. O valor total de suas possessões rurais, apontados em seu espólio era de 2.046.800,00 cruzeiros. Os vinte e três imóveis urbanos de Nacim, sendo um em Porto Said (Egito) e o resto em Palmeira, somavam 913.200,00 cruzeiros. Somando todos os bens deixados por Nacim (imóveis urbanos, rurais, dívidas ativas e contas correntes) sua herança se aproxima do valor de 3.048,590 cruzeiros, equivalente ao valor de sessenta e uma casas de tijolos na praça Marechal Floriano de Palmeira, denotando um alto grau de sucesso econômico.

O modelo de “imigração por corrente” cria automaticamente um vínculo de dependência entre o pioneiro no Brasil e o recém chegado imigrante, pois este inicialmente reside e trabalha junto aquele que o chamou. No caso da família Bacila, sendo Nacim um homem economicamente bem sucedido, os laços de emprego só se dissolveram quando ele liquidou seus negócios, prolongando desta forma os vínculos de dependência.

Diversos foram os mecanismos empregados por Nacim para traduzir sua herança cultural na nova terra. Mais especificamente, no que tange a reconstrução do modelo familiar, Nacim se valeu de diferentes mecanismos para legitimar seu patriarcado, entre estes se destaca: o controle do local de residência dos recém imigrados, a produção de riquezas necessárias para o sustento da família assim como a oferta de emprego para os recém chegados em sua firma, o controle dos matrimônios de seus parentes, de modos a reforçar os vínculos entre estes e Nacim e a própria tradição cultural que legitima e torna comum o modelo de família patriarcal.